

A atitude harmoniosa de um jogador na hora da verdade, o momento do remate. Armando, o avançado-centro do Belenenses, no desafio contra o Atlético I



Stadium

N.º 157 ★ 5 DE DEZEMBRO DE 1945 ✦ PREÇO 1\$50

O título de campeão de Lisboa bem conquistado pelo Belenenses

SPORTING em 2.º, ATLÉTICO em 3.º e BENFICA em 4.º, ou a tradição desmentida

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

ENFIM, acabou o Campeonato de Lisboa na época de 1945-46. A 10.ª jornada tinha apenas o atractivo de resolver o problema do último classificado, pois o que era essencial, a conquista do título e o apuramento dos quatro representantes para o Campeonato Nacional, já estava decidido. Mas jogou-se na última jornada como na primeira, e tal representa um apontamento que honra o futebol lisboeta.

Belenenses e Atlético, um vencedor e um vencido; mas dois grupos iguais...

O desafio Belenenses-Atlético, numa decisão acertada, disputou-se no dia do feriado nacional, e es Salésias registaram aquilo que se chama uma *boa casa*. Arbilhou o sr. Mário Ribeiro Sanches. Os grupos formaram do seguinte modo. **Belenenses:** Capela, Passo, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Coelho, Elói, Armando, Quaresma e Rafael. **Atlético:** Correia, Baptista, Francisco Lopes, Galinho, José Lopes, Moraes, Micael, Armindo, Gregório, Rogério e Marques.

A ideia geral do jogo dá-se em meia dúzia de palavras. Tendo o Belenenses ganho por 3-1, o Atlético portou-se à altura do acontecimento, igualando-se ao adversário. Só vindo a desunir-se na fase final.

Nem se deve acusar o Atlético pelo seu mau trecho do fim. Um grupo que luta e reage, batendo-se com beleza, mas que não consegue aproveitar qualquer das oportunidades em frente das balizas, os momentos de verdade, fica abalado nos seus alicerces quando vê o adversário conseguir precisamente aquilo que ele não conseguia, em toada de esforço e sacrifício. Quando o Atlético começou a dar sinais de vida, e após os primeiros sintomas possíveis do renascer, muita gente deixou em negar a sua verdadeira categoria—aguardando o jogo em que o *team* se esbarrom e que os acreditamos no onze do Atlético, por não se tratar de um simples grupo de onze homens que jogam à bola, mas de uma afirmação clubista, expressão de fé e entusiasmo. Lembremos que o Atlético, com o seu campo da Tapadinha relvado, está a passar para a carreira dos sete mil associados.

Nas Salésias, nem o Belenenses nem o Atlético conseguiram supremacia absoluta. Manda a verdade que se diga que tal vai sendo raro

em Lisboa, indício de igualdade de forças. Quere dizer: mesmo quando qualquer dos grupos deixou invadir o território, nunca desmanchou a sua organização, conservando-a intacta para o que desse viesse. Quando tal acontece, os *teams* estão aptos a passarem da defesa ao ataque. Na verdade, tal coisa verificou-se nas Salésias.

O Belenenses apresentou-nos a sua boa ligação no período de começo, relativamente longo. Sem amoraçoer o adversário. Jogou, então, francamente bem, e de tal modo ligado, com as peças tão no seu lugar e em tão bom funcionamento, que nos deu a imagem de uma organização perfeita. Passado esse período, sucedeu o que inevitavelmente acontece quando o adversário cresce, tornando-se senhor da situação. Há sempre uma ou outra unidade que cede, e a máquina desconjuncta-se um pouco. O *team* deixa de aparecer como um todo, dando-nos imagens parcelares de um conjunto.

Na segunda parte, continuou o Atlético a dar boa conta do recado, em jogo ofensivo, e o seu adversário em magnífica tarefa destrutiva. Mas como o Atlético não conseguiu traduzir, praticamente, a ameaça, o desafio deu a volta, um pouco depois, com a agravante do desgaste físico operado nos jogadores «atléticos». O Belenenses acabou por triunfar, merecidamente. A preparação física também contribuiu para isso. Apesar de se conceberem outras hipóteses, como resultado. Ao menos, tal como decorreu o encontro, ele teve uma boa consequência para o Atlético: robustecer a moral do seu guarda-redes, um pouco abalado ultimamente. Na verdade, Correia jogou muito bem, realizando, entre outras, uma defesa inesquecível a remate de Rafael. Também José Lopes conseguiu sobressair, pelo menos para olhos que sabem ver o jogo. Porque se trata de um rapaz que não dá nas vistas em virtude de tudo, na sua acção, procurar a eficiência e não o filigranado. Também o médio-direito afirmou certa capacidade. A linha da frente, com Gregório sob a vigilância de Feliciano, nada pôde fazer no capítulo dos *goals*.

No adversário, a defesa merece o necessário relevo. Feliciano está um jogador de alto a baixo, completo e perfeito na execução. Já o seu companheiro parece não ter agilidade nos pés quando em lance rasando o terreno. Amaro sobressai na linha média, tendo a dianteira produzido o seu tipo médio de jogo.

A Cuf jogou melhor! Portanto, venceu bem...

O encontro Cuf-Benfica atraiu ao Lumiar A., um dos campos mais bem tratados de Lisboa dentro das suas condições, uma assistência interessada e vibrante. Dirigiu a partida Manuel da Silva. Alinhando os grupos. **Cuf:** Santos, Gomes, Armindo, Adão, Félix, Gastão, Osvaldo, Trevas, Arnaldo Carneiro, Vicente e Tanganho. **Benfica:** Martins, Gaspar, Artur Teixeira, Jacinto, Moreira, Pessoa, Rui, Arsénio, Luz, Joaquim Teixeira e Rogério.

Há uma coisa que de modo algum se pode admitir. Que o jogador não faça tudo quanto lhe é possível para jogar, dando o maior tributo ao conjunto. Que jogue mal, ou bem, isso já é outro caso! O ideal seria que a segunda hipótese se verificasse sempre. Mas que ponha todo o seu apêgo na luta, não pode deixar de se exigir. É o primeiro mandamento. Infelizmente, há acusações a fazer a elementos do Benfica neste capítulo. Claramente a Joaquim Teixeira, a quem os dirigentes ordenaram a saída quasi no final do encontro. Mas, rebuscando bem, encontrar-se-iam mais alguns motivos de desgosto.

O *team* benfiquense desnoiteia. Ainda contra o Belenenses nos deu uma exibição que parecia o ressurgir, e uma semana depois cai na apatia e no mau futebol. É certo que a falta de Francisco Ferreira fez-se sentir profundamente. Estivesse ele no campo e tudo seria diferente. Mesmo o que se passou com J. Teixeira não era possível, dado o ascendente do capitão sobre os jogadores.

O Benfica mostrou pouca ligação. Um *homem grande* esteve no terreno. Referimo-nos a Moreira, energia heróica e forte temperamento de lutador, que impulsiona o ataque, cobrindo ainda a faixa de terreno da defesa. Mas que pode fazer um homem, sem boa companhia? O certo é que a linha da frente raramente executou uma avançada de bom estilo. Pelo contrário, *emburhou-se* sempre com a bola, permitindo em geral a intervenção do adversário no momento do remate. Assim não se marcam *goals*. Mas a defesa benfiquense também não esteve à altura. Foi batida mais vezes do que seria lícito admitir.

A queda vertical do Benfica correspondeu uma exibição, se não brilhante, de boa nota, por parte do grupo da Cuf, cujos apunhaçados vivem no convencimento de que poderiam ter ido um pouco mais além, quicé passar o limitel Seja

como fôr, e mesmo descontando os motivos de paixão, parece-nos incontroverso o merecimento do grupo da Cuf, onze ligado, sabendo jogar, e com elementos muito habilidosos e, para mais, jovens.

O grupo da Cuf mostrou boa organização, e esta faceta destacou-se ainda mais devido ao estilo da actuação benfiquense. Todos os jogadores sabem tomar a devida posição no terreno, e fazem as mudas necessárias, resultando daquilo que a bola não é *trabalhada* ao acaso, mas o jogo resulta por imperativo da vontade dos dez elementos, pois o guarda-réde desfruta de autonomia. Defesa batilhadora, média acilva e sabedora, e linha dianteira que é uma espada sempre suspensa... Gostámos, sem relências, do seu trabalho. Há no ataque da Cuf a ideia da ligação, não deixando de se afirmarem, individualmente, os seus componentes. Os interiores são muito jeitosos, além de praticantes na fase da ascensão. O avançado-centro soube coordenar o esforço de todos, e os extremos imprimiram ao ataque a característica de rapidez. Com remate mais forte (que decisão revelaram os rematadores!), o Benfica teria registado uma severa punição. Félix destacou-se na linha média. Eduardo Santos esteve em uma tarde em que quasi todas as jogadas lhe saíram mal. Portanto, a vitória da Cuf somente poderá provocar espanto a quem não viu a partida. Foi, incontestavelmente, a vitória do melhor *team* em campo.

Sporting venceu o Estoril devido ao melhor remate!

Sporting foi de abelada ao Estoril. Alinhou com Azevedo, Barroso, Cardoso, Canário, Veríssimo, Juvenal, Cruz, Marques, Peyroteo, Cordeiro e Albano. O seu adversário apresentou: Valongo, Caldeira, Elói, Mateus, Nunes, Alberto, Lourenço, Vieira, Mota, Osvaldo e Raul Silva. Arbitro: António José dos Santos.

O jogo foi disputado com energia, mas, evidentemente, tratando-se de *teams* de categoria, tal não chega para interessar. Ambos os contendores fizeram a demonstração de inadaptação às condições do terreno, encharcado e enlameado. Como? Insistindo no passo curto e rasteiro. As vezes, com os campos em bom estado, os jogadores levantam a bola, e nada os faz balizar o jogo. Outras, então, acontece como na Amoreira!

A primeira vista, parece que o sistema utilizado deveria, no entanto, dar grande vantagem aos *leões*, um conjunto mais pesado e resistente. Mas a verdade é que ao Estoril só faltou uma coisa para vencer. Chama-se essa coisa *remate*. Sem chutar às balizas, com força e direcção, ou colocadamente, não se ganham desafios. Pelo contrário, do lado sportingista registaram-se vários remates de perigo. Não tendo alinhado Manuel Marques, o Sporting procurou a devida solução para a sua defesa, inclusive no jogo de posição. Por fortuna, Veríssimo, o médio-centro, não só se destacou, como não consentiu, pela sua actuação, que o grupo se cindisse.

Em jogo desligado, e vincadamente individualista, a linha avançada do Sporting produziu o suficiente para pôr à prova o estilo seguro de Elói e Valongo.

CAMPEONATOS REGIONAIS DE FUTEBOL

ESTÃO apurados quasi todos os campeões regionais de futebol. Antes da última jornada, alguns torneios, já os campeões tinham sido indicados. Casos do Pórtio, Coimbra, Braga, Orlhão, Setúbal, Elvas, Castelo Branco, Viseu...

Na última etapa ficou indicado o Campeão de Aveiro, União Desportiva Oliveirense, agora concorrente à Divisão Nacional.

De tomar em conta, no campeonato nortenho, apenas a derrota do Salgueiros, perante o Leça, por 2-11 — facto que elira os encarnados portueiros para o penúltimo lugar da classificação. Os leiceiros, com boa prouta final, aproximaram-se do seu vizinho leixões.

Também pode recordar-se outro mau resultado do F. C. do Pórtio, que empatou 3-3 com o Leixões no seu próprio campo de Constituição. Os azuis brancos fizeram experiências. Pelo resultado — não aprovaram totalmente. Os homens do Leixões, animosos, dificultaram extraordinariamente a tarefa dos primeiros do seu campeonato.

O Boavista, novo grupo da 1.ª Divisão nacional, não teve dificuldades para derrotar os ramaldenses por 4-0. Deverá constituir agrado para o Pórtio a entrada do grupo do Besse no torneio máximo, visto tratar-se de um grupo simpático e veloz.

A classificação final das equipas foi a seguinte:

F. C. do Pórtio — 26 pontos; Boavista — 23 pontos; Leixões — 21 pontos; Leça — 20 pontos; Salgueiros — 18 pontos; Ramaldense — 12 pontos.

No campeonato de Braga, onde o Vitória de Guimarães já era campeão, houve surpresa grande: a derrota dos titulares, perante o Vianense, por 2-0. Aos vianenses havia de interessar, evidentemente, bom resultado. Por isso, o triunfo vianense deve aplaudir-se, visto constituir já trabalho porfiado dos seus jogadores e dirigentes.

Noutros campos, o Sporting de Fafe obteve nova vitória, desta vez sobre o Gil Vicente, por 6-3; o Famicão, mel no fim do torneio, foi derrotado pelo Sporting de Braga por 2-1. Resultado escasso — mas sempre uma vitória.

Coimbra já tinha o seu torneio resolvido. No domingo, a A. F. C. aproveitou a liberdade para efectuar um encontro com a selecção de Coimbra, de que resultou um empate (2-2).

Em Setúbal falta um jogo, que não influi na classificação dos melhores. Como já se sabe, o Vitória ganhou sem grandes dificuldades, embora no domingo experimentasse apreensões durante o seu encontro contra o Seixal. Os setubalenses triunfaram apenas por 1-0. O Barreirense foi ganhar a Amora por 5-0, o grupo do Cuf derrotou o Ginásio do Sul por 5-2 e apenas o Onze Unidos e o Luso empataram (3-3).

Viseu já tinha campeão: — o Académico. Este, no Estádio de Fontelo, derrotou o Desportivo de Tondela por 6-1, e as posições ficaram devidamente arrumadas: 1.º Académico; 2.º, S. L. e Viseu; 3.º, Desportivo de Tondela; 4.º, «Os Bodosenses».

Em Santarém, por se haver efectuado o jogo regional com os conimbricenses, não se efectuaram todos os jogos do calendário. Os alhandrenses, no seu campo, derrotaram o conjunto de Benavente por 1-0. O resultado, pouco expressivo, indica-nos que os vencidos tiveram bom comportamento.

Os resultados de Leiria são pouco expressivos — quanto a classificações. Quasi todos os grupos que jogaram em casa obtiveram vitórias: Alcaboa-Morrães, 4-1; Império-Macela, 5-2; Nazarenos-Comércio e Indústria, 3-0. O Atlético e S. L. e Marinha não foram além de um empate (2-2).

O Luso de Beja triunfou por 2-1 contra o União, de mesma cidade.

Em Évora, a equipa do Juventude bateu o Atlético por 6-2.

E por aqui nos ficamos quanto a campeonatos regionais.

Basquetebol

A terceira jornada do campeonato regional de basquete forneceu os seguintes resultados: Lisgás-Algés, 36-27; Belenenses-Carnide, 39-27.

Todos os grupos concorrentes, após os últimos desafios, efectuaram já 3 encontros.

Depois destes, a classificação das equipas é a seguinte:

Atlético e Belenenses, 9 pontos; Benfica, 7; C. U. F., 6; Carnide e Lisgás, 5; Algés, 4; Rio Sêco, 3 pontos.

O torneio promete apaloxnar, enquanto, em futuras jornadas. Os grupos do Benfica e da «Cuf» possuem boas linhas, por certo capazes de embaraçar ainda a marcha dos conjuntos de vanguarda.

Neste princípio de época, ainda o Belenenses não actuou com o acerto que lhe notámos o ano findo. Que poderá supor-se? Que baixou de valor? Nem tanto. Este campeonato de Lisboa, com 8 grupos inscritos, só lá mais para diante nos fornecerá provas.

O Carnide, por exemplo, sabe o bastante para bater o pé aos adversários. O campeão nacional, na última semana, ganhou-lhe por 39-27 — mas com algum esforço, ao contrário do que se esperava.

Tem comparecido muito público nas reuniões efectuadas. O basquete, pelo seu movimento, agrada bastante. Este campeonato, por certo, não val desmentir as provas dadas.

A "SEPARATA" A CÔRES DO BELENENSES

Em virtude da quantidade de pedidos chegados à nossa Administração, obrigando a uma tiragem maior do que a normal, e por escassez de tempo, somente no próximo número publicaremos a "separata" a côres do Belenenses, que é, podemos já garantir, um trabalho de tal forma perfeito que causará, certamente, a mais viva admiração. Do facto pedimos desculpa aos nossos prezados leitores.

VOLEIBOL

II Divisão da A. F. L.

Decide-se hoje

o Campeonato Universitário

Só o Fósforos e o Marvilense

se apresentam capazes de ganhar o título

APÓS três semanas de sempre interessante actividade, aproxima-se do seu final o Campeonato Universitário de Voleibol, o qual praticamente ficará logo à noite resolvido, quanto à atribuição do título, com o encontro entre as equipas do Técnico e de Direito, as únicas que conseguiram chegar até esta altura da prova sem haverem sofrido derrota.

Ambos os grupos são fortes e bem preparados, com rematadores possantes e jogadores habilidosos na passagem; incontestavelmente existe maior coesão entre os componentes do Técnico, cujo bloco defensivo supera em segurança todos os competidores, e por isto nos inclinamos pela sua vitória final, dentro das tradições, não só do voleibol académico, mas do voleibol português.

A surpresa da vitória da Faculdade de Direito é possível; mas seria para quasi todos uma surpresa.

Nos programas das jornadas da semana finda figuraram alguns encontros de grande entusiasmo e apreciável valor técnico, como Técnico-Ciências, Direito-INEF, Agronomia-Económicas e INEF-Ciências, que foram ganhos pelos primeiros indicados com valorosa resistência dos adversários.

Nos quinze encontros disputados até final da semana passada, a mais renhida competição foi travada entre Agronomia e o INEF, ganha pelo primeiro em três partidas e 79 rondas de serviço; os mais rápidos triunfos alcançou-os o Técnico sobre Medicina e Belas-Artes, ambos em onze serviços apenas.

Dos jogos que se decidiram só em duas partidas, o mais demorado foi ganho por Direito a Ciências em 42 serviços.

A equipa que mais longa resistência opôs aos mestres do Técnico, foi a de Económicas e Financeiras, vencida em 34 serviços.

A classificação geral, no momento de encerrarmos esta notícia, é a seguinte: Técnico e Direito, 4 vitórias, 8 pontos; Agronomia, 3 v. 1 d., 7 pontos; INEF, 2 v. 2 d., 6 pontos; Económicas, 1 v. 4 d., 6 pontos; Ciências e Medicina, 1 v. 3 d., 5 pontos; Belas-Artes foi eliminado por duas faltas de comparecência.

A estes resultados devem acrescentar-se os dos jogos de segunda-feira à noite: Agronomia-Ciências, INEF-Económicas e Direito-Medicina.

JOSÉ DE EÇA

Adécima primeira jornada do campeonato da II Divisão da A. F. L., se não desfez as dúvidas quanto ao possível vencedor da competição, leve, pelo menos, o condão de as atenuar, ao mesmo tempo que ela, também, indicações quanto ao «lanterna-vermelha».

Vejam, primeiramente, os desfechos desses encontros:

Casa Pia-Marvilense, 2-5; Operário-F. Benfica, 2-0; Oliveis-Sacavenense, 1-2; Fósforos-Chelas, 2-1.

Com estes resultados, a ordem da classificação ficou assim:

1.º Fósforos, 29 pontos; 2.º Marvilense, 28; 3.º Chelas, 26; 4.º Sacavenense, 20; 5.º F. Benfica, Casa Pia, e Operário, 19; 8.º S. L. Oliveis, 16.

Em relação à jornada anterior, verificou-se o empate pelo 2.º e 3.º lugares, com vantagem para o Marvilense; a subida do Sacavenense de 6.º para 4.º; a descida do F. Benfica e do Casa Pia de 4.º para 5.º e maior alarço do Oliveis, que ficou a três pontos dos penúltimos quando estava só a 1 ponto.

Sobre os encontros de domingo pode dizer-se que o resultado menos previsto foi o da luta entre casapianos e marvilenses, não porque tivesse triunfado a equipa de Marvila, mas sim pela nitidez do «score». Dada a melhoria dos casapianos, a diferença de três goals pode parecer demasiada. E foi mesmo, porque os vencedores, só depois do intervalo, lograram ligeiro ascendente. Como sempre — a fraca eficiência dos avançados do Casa Pia.

A vitória do Operário premeia a melhor actuação da equipa, em relação à adversária. O esforço que o antigo grupo de S. Vicente está a fazer para fugir ao último lugar é digno de apreço. As características da equipa — voluntariedade e entusiasmo — mantêm-se.

O resultado do jogo dos Oliveis está certo. Não se tivesse registado tão notoriamente a falta de remate dos dianteiros sacavenenses e a sua vitória teria sido mais expressiva.

O encontro mais sensacional da jornada foi o Chelas-Fósforos, visto que se tratava das duas mais categorizadas equipas da II Divisão.

O resultado reflecte bem o equilíbrio de que a luta se revestiu. Só na segunda parte do desafio se viu o «leam» em plano superior. Foi o do Fósforos. E, por isso, a sua vitória tem de ser considerada justa.

DIAMANTINO DIAS

a primeira entrevista de MARIO COELHO

A evolução da sua vida de jogador — Como o BELENENSES ganhou o Campeonato Jesus Correia e Azevedo, jogadores do seu agrado — Ser "internacional", o seu sonho!



Mário Coelho, avançado habilidoso, de remate potente na equipa belenense, que ele ostenta com orgulho!

A época de futebol decorre magnífica. Interesse pelo jogo que, de uma maneira geral, está correspondendo ao entusiasmo que rodeia o campeonato de Lisboa. Equilíbrio nos «teams» concorrentes e por conseguinte equilíbrio nos desafios levando ao convencimento de que entre os «seis» da Divisão de Honra o valor se reparte. Tanto melhor. Ganha a modalidade e ganham os desportistas. Dupla satisfação.

Mário Coelho está muito bem na galeria dos jogadores que afirmam uma forte personalidade. Tem dez anos de jogador de futebol. Mas a sua actuação pode dizer-se de equilíbrio, gradualmente subindo na escala dos valores. Ora, no decorrer destes dez anos de jogo da bola, Mário Coelho não tinha ainda concedido uma entrevista aos jornais. Quisemos nós tirá-lo do seu esplêndido isolamento. O extremo direito do Belenenses, já campeão de Lisboa, confia-nos as suas primeiras impressões.

Rapaz nascido e criado no bairro de Santo Amaro, ali deu os primeiros pontapés na bola — no União de Lisboa. Tinha 15 anos e no «team» infantil esteve apenas o tempo indispensável.

Três anos depois, a sua actuação no primeiro «team» coincidia com a fusão União-Carcavelinhos. Ainda jogou uma época no novo grupo mas depois foi para Belem.

— Porquê?

— É Mário Coelho que nos vai responder:

— Estranhei o nosso agrupamento. O Belenenses cativava as minhas simpatias, cada vez mais. Não hesitei, pensando nos possibilidades que me garantia jogar uma época inteira. Fiz bem. Satisfeito de principio com a minha resolução, hoje estou contentíssimo. Camaradagem excelente, bons amigos. Desde a primeira hora em que voluntariamente enverguei a camisola azul têm-me rodeado de franco e sincero acolhimento — declaração esta que é extensiva aos sócios do Belenenses.

— Atingiu a sua melhor forma?

— Se bem que eu procure tor-



A' saída do escritório, enquanto o «elétrico» não chega, Mário Coelho entretém-se na leitura, maneira de matar o tempo

nar-me melhor do que aquilo de que me apercebo que faço no terreno do jogo, considero-me bem. Julgo até que correspondo à confiança e ao interesse que em mim têm depositado. Aliás, tenho um bom mestre. Augusto Silva, que já tinha sido meu treinador nos júniores do União agrada-me imenso.

— Satisfeito com o título conquistado?

— Que merecemos absolutamente. E quem diga o contrário, mente...

— A que atribui a «presença» magnífica do Belenenses neste campeonato?

— O grupo está a «carburar» muito bem, e entre os onze há ligação, interesse, entusiasmo e o desejo de corresponder à forma como o clube nos acarinha. A massa associativa do Belenenses parece outra. Dantes só nos aplaudiam e incitavam quando ganhávamos, hoje os seus aplausos e as suas boas palavras ajudam-nos sempre. Será

conflança, agrado e justiça pelo nosso comportamento? O que é certo é que o sistema nos agrada. Se eles, instalados na sua bancada, sofrem ou entristecem com o que fazemos no campo, nós, os jogadores, sentimos ainda mais a sua atitude, seja ela qual for!

No entanto, além destes permenores, encontro três elementos que podem ser apontados como base do resultado: a ginástica, o médico e o treinador. Eis as forças que têm movido a máquina de que sou uma pequena peça!

— Fale-nos dos outros grupos.

— Todos são grupos uns para os outros. O caso dos fortes e dos fracos está quase a passar à história!

— Mas o Benfica não me parece que tenha ainda dado todo o rendimento de que é capaz. Devemos ter que contar com ele no «Nacionais».

— Porque gosta de jogar a extremo?

— Aprecio o jogo prático, que se joga com vista à baliza, além de que tenho uma especial sensação em marcar «goals»!

— Aprecia algum jogador, especialmente?

Mário Coelho no decorrer da entrevista, respondeu sempre vivamente ao que perguntamos! Até nos fez confidências.

— De uma maneira geral agradam-me todos, mas gosto muito do jogo de Jesus Correia. Sigo sempre com entusiasmo aquelas suas fugidas para a baliza.

Depois, Azevedo. Faz defesas que me deixam boquiaberto...



O jogador português trabalha! Mário Coelho, nos Escritórios da Carris, dá-se cuidadosamente à sua tarefa. É tido como funcionário exemplar



O BELENENSES festeja as vitórias



1—O aspecto geral do jantar oferecido pelo sr. dr. Octávio de Brito aos campeões belenenses e no qual participaram os presidentes e capitães dos grupos da Primeira Divisão, e vários jornalistas. 2—O almoço de confraternização desportiva, a propósito da vitória belenenses, promovido oficialmente pelo clube, no Estoril. 3—O sr. dr. Octávio de Brito, dirigindo uma eloqüente saüdação aos seus convidados. 4—Os capitães dos seis «teams» concorrentes ao Campeonato de Lisboa junto do presidente do belenenses. 5—O dr. Barreira de Campos, ao felicitar o Belenenses em nome do Sporting. 6—O grupo de concorrentes e sócios do Grupo Desportivo A Iluminante que tomaram parte no torneio de atletismo promovido pelo clube. 7—O «team» do Hockey Clube de Sintra, vencedor da Taça de Honra de «hockey» em patins. 8—O Paço de Arcos, finalista da Taça de Honra.



O trabalho dos clubes

é a base de todo o progresso alcançado

OS campeonatos universitários que estão em curso, cuidadosamente organizados pela Direcção respectiva da Mocidade Portuguesa, trazem uma vez mais a plano de actualidade a questão tantas vezes versada das múltiplas e simultâneas actividades dos desportistas.

Como não são muito numerosos em cada escola os praticantes habilidosos — temos que reconhecer, a bem da verdade, que infelizmente assim sucede ainda na juventude universitária — acontece que incide em regra sobre os mesmos a representação nos diversos campeonatos em curso.

Devemos lembrar-nos que a Direcção Geral de Desportos e a Mocidade Portuguesa estabeleceram há meses louvável acôrdo, no sentido de impedir que os rapazes participassem simultaneamente nos campeonatos da M. P. e nos campeonatos clubistas de juniores; recordaremos mais ainda que na organização desportiva é proibida a participação em jogos da mesma ou diferente modalidade no mesmo dia e, ainda, que é necessária uma licença excepcional para realizar jogos em dias consecutivos.

Em confronto, os universitários podem jogar volei às segundas, quartas e sextas, futebol aos sábados e, nos clubes respectivos, qualquer desporto ao domingo e talvez ainda basquete no meio da semana. Não será exagerado?

O VALOR DO DESPORTO RUSSO

OS jogos disputados em Inglaterra pela equipa russa do «Dynamo» têm tido até agora resultados que impressionaram toda a opinião pública como a revelação de valor insuspeitado.

A organização desportiva do aglomerado das repúblicas soviéticas manteria-se sempre em completo isolamento, sem aceitar ou ser aceite contacto com os agrupamentos internacionais que dirigem o desporto do restante mundo; assim faltavam elementos de avaliação comparativa que permitisse ajuzar dos progressos e do desenvolvimento dos russos nos jogos desportivos em que é impossível marcar posição por afirmações de valor absoluto.

Mas que a Rússia tem valor de primeiro plano no concerto mundial do desporto, — coisa que não deve espantar se pensarmos nas suas incalculáveis possibilidades de recrutamento numa massa de povo de dezenas de milhões — já não constitui novidade para quem esteja no conhecimento das referências da imprensa estrangeira as proezas dos seus campeões nos desportos individuais; ainda há dias se leu a notícia de dois novos «recores» de força estabelecidos por um halterófilo russo e as marcas dos seus especialistas, de ambos os sexos, em atletismo equiparam-se — quando não superam — as dos países mais avançados no aperfeiçoamento desportivo.

QUEM tenha tido a persistência necessária para acompanhar com a leitura a série de comentários publicados na «Stadium» e relativos à actividade da temporada que findou, colheu elementos bastantes para identificar-se com a segurança dos progressos verificados e a animadora perspectiva do atletismo português.

Todos estes benefícios são a resultante de longos e porfiados esforços, conjugados na mesma directriz, os quais, nos últimos anos, obtiveram maior rendimento, melhor aproveitamento do trabalho empenhado, mercê do valioso apoio da Direcção Geral de Desportos, que se tratava — nunca parece mal reconhecer a verdade — em estímulo, deparação e garantia moral.

Sem esquecer o tributo importante emprestado à causa com os dirigentes dos organismos superiores, federação e associações, cuja obra organizadora permitia a propagação das práticas atléticas no público e nos executantes, em moldes sérios e eficazes, a mais elementar justiça manda que se afirme sem disfarces que a tarefa fundamental, a grande obra criadora, foi levada a cabo à custa de muitos sacrifícios pelos clubes cultivadores do atletismo, nesta emergência com particular realce para o Sporting e o Benfica na zona sul do país, para o Académico e o Futebol Clube do Porto na região norte.

Foram os clubes, com técnicos seus, amadores ou assalariados; com as instalações que construíram exclusivamente com os seus dinheiros; com a insistência da sua iniciativa e o aliciente da sua projecção no espírito da mocidade, que atraíram, prepararam e ensinaram os elementos de que hoje dispomos.

Esta é a insofismável realidade dos factos.

Foi assim no passado e forçosamente continuará sendo assim no futuro; tal como funciona a nossa máquina da hierarquia desportiva, o rendimento dos órgãos principais — já tivemos ocasião de o escrever — é exclusivamente dependente do perfeito funcionamento activo das células.

A acção colaboradora dos organismos superiores só em reszitas circunstâncias se pode fazer sentir; e o auxílio directo em mais raras eventualidades ainda.

Ao menos, que se afirme com desassombro a quem pertencem por legítimo direito maior qumnhão de louros e sejam louvados em comum, como comum é o seu trabalho fecundo, atletas devotados, treinadores entusiastas, dirigentes clubistas animadores.

Para acelerar, indispensável aceleração de ritmo, os progressos do atletismo português, é preciso cuidar da sua expansão,

tanto nos centros onde se pratica já, como nos restantes agrupamentos do território metropolitano onde ainda não conseguia infiltrar-se. Semelhante obra pertence aos dirigentes federativos e associativos e deve constituir a base principal do programa da próxima temporada de actividades.

Coimbra, onde a associação regional luta com ânimo mas pobríssimos resultados; Braga, que lacrará talvez em libertar-se da jurisdição portuense e formar o núcleo alimentador de uma associação regional minhota; Setúbal, Évora, Faro, Leiria (aproveitando os centros de Tôrres Vedras e Caldas da Rainha), Viseu, Beja, Aveiro, Portalegre, parecem-nos os focos distritais onde se deveria procurar a constituição de agrupamentos praticantes, começando pela descoberta — talvez mais difícil — de um animador que chelesse o movimento.

No Porto e em Lisboa, únicas cidades onde de facto o atletismo tomou suficiente expansão, esta não atingiu ainda o grau necessário, porque a grande maioria das agremiações desportivas mantém-se estranha ao atletismo, que deveria ser a primeira das preocupações de todos. Cada ano se recrutam novas unidades, mas a captação é lenta e escassa.

Louvável é já o interesse de clubes com apreciáveis recursos, como o Atlético e a «Cuf», e de outros mais modestos mas igualmente meritórios, como o Casa Pia, o Ginásio do Sal, etc.

Dos quatro tradicionalmente grandes no atletismo lisboeta, o Belenenses é o que menor actividade desenvolve e não tem sabido ou podido aproveitar o recrutamento bairsta, formando novos elementos; apresentou na época alguns estreantes habilidosos, que poderão formar o ponto de apoio para a equipa do próximo ano.

O Internacional mostrou trabalho produtivo e parece disposto a animar com a sua presença os concursos em que outrora desempenhava o papel de primeira figura.

Sporting e Benfica vão ambos no bom caminho; o primeiro foi o grande triunfador de 1945, mas o seu rival deu-lhe sempre animosa réplica.

O Sporting tem equipa melhor fornecida e abundante; o Benfica teve por sustentáculos meia dúzia de grandes figuras, que agora, com as novas disposições restritivas, não podem bastar para tudo.

Os títulos oficiais da época de pista partilharam-se assim pelos clubes: Sporting 64 campeonatos; Académico 30; Benfica 24; F. C. do Porto 16; A. B. Braga 10; Internacional e Belenenses 8; Almada 4; Casa Pia e Vigorosa 1 campeonato.

A actuação do Sporting Clube de Braga

Último defeso foi abundante de comentários relacionados com o apetrechamento de muitos

clubes nacionais, pois todos procuraram, melhor ou pior, reforçar com novas unidades os seus grupos representativos na presente temporada futebolística. O Sporting de Braga, que é, felizmente, dirigido por um bom punhado de bracarenses, que à colectividade vêm dispensando o melhor das suas energias, também, como tantos outros, fez o que seria necessário fazer-se para marcar no torneio regional o lugar que lhe abrisse caminho para poder ingressar na 1.ª Divisão do Campeonato Nacional. Temos conhecimento, assim como toda a gente que não anda alheia às coisas da «bol», das variadíssimas «démarches», então empreendidas pela Direcção do Clube, e não desconhecemos, ainda, como tudo decorreu, inicialmente, de harmonia com o que seria para desejar. Os «casos» Teixeira e Garção, que tantas insónias causaram a alguns e fizeram correr tanta tinta, depois da apoteose com que se verificou o seu desfecho, são a causa número um de certos desaires dos «rubro-brancos», se assim pretendermos classificar alguns resultados que, segundo a lógica, com a formação planeada para a época que decorre, poderiam ou deveriam ser-lhes favoráveis. O «conze» dos bracarenses vem sendo indicado, desde o seu primeiro jogo da temporada, como deficiente no sector atacante, precisamente aquêle em que deviam formar os jogadores acima aludidos. Os restantes sectores, médio e defensivo, têm sido classificados de «bons» e este último como o melhor do Minho. É evidente que com a formação espedrada, com um quinteto avançado mais produtivo, a toada de jogo seria outra e a equipa, com Teixeira e Garção na frente, «carbolaria» de forma mais eficiente. Todavia, sem que se soubesse como e porquê, o «internacional» Teixeira, depois de transferido para Braga, envervou, dias após, novamente, a camisola do Benfica; e o jogador Garção, quando lhe tinha já sido negada a transferência para a Associação Académica de Coimbra, tendo assinado a ficha pelo seu clube, foi autorizado a fazer parte do «conze» dos estudantes, com surpresa para nós todos.

Daqui nasceu a menos desejada actuação dos rapazes do Sporting, que, apesar de tudo e mercê da excelente orientação técnica de Alberto Augusto, têm feito mais do que seria de esperar, embora, com um pouco de sorte, pudessem ocupar melhor lugar na classificação do torneio que decorre.

Mário Coelho

afirma que

a aspiração máxima de todo o jogador é ser «internacional»

(Continuação da página 4)

Parece que vâo para a bola. Já tem traido muitas vezes o meu intento, o maroto!...

De repente desfechámos uma pergunta. Que diria se fôsse seleccionado para o grupo nacional?

— Por certo que essa honra me absorveria inteiramente o pensamento. Talvez correspondesse, acredite. Tal é o meu desejo. E não será essa e aspiração máxima de todo o jogador de futebol? — é Mário Coelho que nos interroga...

Eis o que nos disse o jovem belenense Mário Coelho. Um rapaz simpático, que joga a bola com entusiasmo e «cabeças». Que, ao despedir-se, nos diz, sorridente:

— O Belenense, a jogar deste maneira, vai dar muitos elementos para a formação da selecção nacional.

Eis uma opinião...

Fernando Sá

Basquetebol no Pôrto

JUSTIFICANDO plenamente as nossas previsões, o campeonato regional de basquetebol está a ser disputado com entusiasmo invulgar. Pena seja que esse entusiasmo nem sempre se possa classificar de desportivo... A competição acesa cega os homens. Registraram-se já, por tal, cenas pouco dignas.

Em Guifões, por exemplo, a equipa do F. C. do Pôrto teve de lutar com muita coragem (mais contra o ambiente do que contra o adversário...) para arrancar os preciosos pontos do triunfo. Estão a tornar-se arriscadíssimos para a integridade física dos jogadores certas visitas. O mal tem remédio. Está nas mãos dos dirigentes da Associação. Em relação do jogo, os «azuis-brancos» venceram com inteiro merecimento e insofismável autoridade.

O Guifões apresentou um protesto — curioso, aliás (e só curioso)? — por falta de visibilidade nos 4 minutos finais... Mas o árbitro garante que se via bem, e que portanto não havia motivos para interrupções. Depois deste precioso triunfo, o F. C. do Pôrto consolidou o seu 1.º lugar, que, diga-se, ocupa com inteiro merecimento. A equipa está a jogar mais do que qualquer outra — pelo menos neste momento — e parece progredir de jogo para jogo.

Mas há que contar com o Vasco da Gama — outra grande equipa portuense. Os vascainos, depois da retumbante derrota que o F. C. P. lhes inflingiu, não perderam o «norte», e, acumulando pontos sobre pontos, vão-se preparando para o encontro da 2.ª volta, que se pensa realizar no Campo da Constituição.

Guifões, Académico e Fluvial têm feito exhibições de agrado, de maneira a não dar sossego aos directos candidatos ao título.

A JORNADA DE TRISTE MEMORIA

A realidade dos factos estralçou muitas vezes as intenções que os ditaram. Fora cuidadosamente preparado o programa do festival que a Associação organizou no domingo passado e o interesse que mereceu ao público ficou bem demonstrado pelo elevado número de espectadores que compareceram no campo da Estrêla, apesar do seu incómodo acesso e da ausência de instalações que assegurem aos assistentes o mínimo de conforto exigível por quem paga; no final, em contrário do previsto, a falta de elemental noção de desportivismo de uns tantos, aquela errada concepção do desporto para ganhar de qualquer forma, que é o último recurso de certos jogadores gestos e nocivos elementos na sociedade desportiva, transformou o bem intencionado festival numa jornada de triste memória, desprestigiante para a modalidade.

Numa das meias-finais da Taça Imprensa assistiu-se à completa submersão de um árbitro, sem e necessária autoridade, pelos coneclecimentos e exageros que geraram logo mau ambiente no espírito público; os culpados, que escaparam sem punição, foram alguns jogadores «trezistas», sobretudo Trindade e Duarte, o primeiro empregando condenável dureza, o segundo limitando a sua única acção a agarrar os adversários que lhe passavam ao alcance, sem tentar, sequer, outro sistema de defesa.

Nas precedentes eliminatórias e na outra meia-final tudo decorreu normalmente e houve até uma surpresa de vulto com a eliminação do Benfica pelo Internacional.

Ficaram apurados finalistas «Os Treze» e «Cuf», mas o jogo não pôde realizar-se devido à demora do encontro do Torneio de Aberlura, que começou meia-hora atrasado, necessitou prolongamentos, e foi ainda retardado pela proposta travagem dos jogadores belenenses, que, sem o menor respeito pelo público, sistematicamente diligenciam impedir que o jogo recomeçasse, ausentando-se do terreno. Foi necessária a intervenção do Inspector dos Desportos, dr. Salazar Correia, que inlimo o árbitro a cumprir o seu dever sem mais contempções, para os jogadores compreenderem que acabara o jogo das escondidas e cumpriram o seu dever de desportistas.

O encontro Sporting-Belenenses,

ESTÁDIO NACIONAL

A propósito de um comentário publicado no último número da «Stadium», que se intitulava «Estádio Nacional», temos em nosso poder uma carta do sr. Candido de Oliveira, que gostosamente publicaremos na próxima semana.

que o primeiro ganhou com um ponto de grande penalidade no segundo prolongamento, foi aborrecido e molesto; aborrecido porque se jogou muito mal, sendo ainda os «azuis» que esboçaram as melhores fases; molesto pela atitude de certos elementos do grupo belenense, que abusaram da dureza — Valério — e das entradas irregulares — parelha defensiva. É curioso até registrar que a expulsão de Natividade foi o ponto de partida de melhoria geral na eficiência do jogo do seu grupo.

Em conclusão, perdeu-se excelente oportunidade de propaganda, o público foi forçado a formular em espírito justíssimos reparos ao espectáculo que presenciara, os quais, por natural tendência, generalizava às organizações de andebol, e os próprios amigos da modalidade saíram desgostosos do campo, lamentando o sucedido por culpa de alguns e com prejuízo para todos.

JOSÉ DE EÇA

O futebol em Braga

(Continuação da página 6)

Estes factos, tão reais e insofismáveis, não devem provocar na massa associativa do Sporting o desânimo ou coisa que se assemelhe. Se tal se verificasse, aqueles que se dizem amigos do clube dariam uma demonstração clara de que são «amigos de ocasião». Verdadeiros amigos são aqueles que na adversidade amparam os que são dignos dessa amizade, por todas as formas possíveis a evitar, por um só momento, o desânimo e a vontade pela luta. Desertar, agora, das fileiras sportinguistas não só seria uma inqualificável prova de ingratidão para com a Direcção do Clube, que sempre demonstrou vontade e zelo inegáveis, como seria, ainda, uma traição injusta e pouco bonita. E', portanto, justíssimo todo o apoio aos dirigentes do Sporting e hoje, mais do que nunca, eles precisam dele. Estamos convencidos de que tal apoio lhes não será negado pelos bracarenses. Com o correspondente da «Stadium» podem desde já contar, pois não é de hoje que gostamos de fazer justiça a quem é digno dela. Neste momento, a Direcção do Sporting de Braga só é credora de louvores, não só pela forma como tem trabalhado mas, ainda, pela «paciência» com que acata e sabe receber certas «violências» que não pode evitar.

Correia Barrento e João Mesquita

venceram as provas de domingo

REALIZARAM-SE no domingo as duas primeiras provas do Concurso Hípico do Outono, organizado pela S. H. P. em substituição das habituais «pauzes».

Foram duas as provas disputadas e qualquer delas dea lagar a uma luta movimentada e interessante para a posse dos primeiros lugares.

Na primeira prova, denominada «Sociedade Hípica Portuguesa», dea-se um caso curioso. Pouco depois do princípio, — haviam corrido apenas oito cavalos — o capitão Correia Barrento, no «Raso», colocou-se à frente da classificação com um tempo magnífico, que parecia indicar o vencedor.

O «Raso» galopara bem e transpusera os 12 obstáculos sem um toque. No entanto, quando tudo esperava que o resultado estivesse feito, o mesmo cavaleiro, desta vez no magnífico «Sagres», tira outro esplêndido percurso, batendo por 2 segundos o do «Raso». Ganhará com brilho o 1.º e 2.º lugares da prova.

Henrique Calado, no «Abranhão», um argentino que nas suas mãos brilha mais, cobria sem faltas todo o percurso, mas o tempo com que se creditou apenas lhe garantia o 3.º posto da classificação.

Os restantes prémios foram atribuídos ao «Wessington King» «Kirsh» e «West-Bridge» montados, respectivamente, por A. Tenreiro, J. Beltrão e Serra Pereira, todos com percursos limpos.

Ha ainda a assinalar as boas provas de «Energie», com Manuel Cerqueira, «Ribamar», com Guedes de Campos, e «Xerez», com Rangel de Almeida.

A prova «Diário de Notícias», para a qual se haviam apurado 30 cavalos em provas de eliminação, decorreu quasi toda de baixo de chuva impertinente, mas nem por isso o público deixou de a acompanhar com interesse.

O primeiro cavalo que se impôs na classificação foi «Xarão», com Alves Pereira, que dea apenas um toque com o competente derrube nam percurso difícil. «Brioso III», com Henrique Calado não tardou a bater-lhe o tempo, mas foi de novo Alves Pereira que alcançou a cabeça da classificação com um belo percurso de «Zuari», também com 4 pontos.

Estava escrito no entanto que não seria ele o vencedor e, assim, quasi no fim da prova, «Vigoroso», montado por João Mesquita, consegue o único percurso limpo, e ganha com justiça a prova «Diário de Notícias».

Não queremos terminar sem uma breve referência a «Optas» e «Marvão», que foram montados por Hélder Martins e José Moraes, e que tiveram apenas 4 pontos.

O concurso termina no domingo.

A. T.

A CABOU o Campeão de Lisboa da época de 1945-46. Belenenses campeão absoluto. Pela sexta vez o clube conquista o título precioso: 1925-26; 1928-29; 1929-30; 1931-32; 1943-44 e 1945-46.

A vitória belenense irradia tal luz que todos estão concordes quanto à justiça que representa este desfecho lisboeta. Venceu o grupo que jogou mais e melhor, realizando belas exibições, espectacular e tecnicamente, no decurso da competição. «Onze» à base da ligação, nos cânones modernos, com praticantes de categoria! Da defesa ao ataque, a devida combinação de esforços e movimentos, na harmonia que representa o segredo das grandes equipas. O Belenenses classificou-se em 1.º lugar na 1.ª categoria, Reservas, e no conjunto das 3 categorias. Todo o belenense, como o próprio futebol, deve sentir-se ufano. Em segundo lugar, na divisão alta, ficou o Sporting, em uma reacção que representa motivo de orgulho. Porque os leões souberam no momento crítico, concentrarem as forças suficientes para se afirmarem um valor positivo e sólido. O grupo está mesmo em condições de bom futuro. Também é de assinalar o seu triunfo na Segunda Categoria, indicação de que o clube procura trabalhar em profundidade.

Atlético dá-nos a grande surpresa. Conseguindo abrir brecha no bloco dos três Grandes, classificou-se em terceiro com um team pleno de vida. A sua actuação na Reserva também pode dizer-se notável.

Benfica desiludiu! Quarto classificado, passa à tangente. Não está, por outro lado, nas tradições do clube, ter qualquer categoria em último lugar, caso da Reserva. Salvou-se a Segunda Categoria. O futebol clubista do Benfica atravessa uma crise!

A C. U. F. destacou-se e o seu 5.º lugar é daqueles que honram um clube. Grupo que pratica futebol de boa escola de conjunto inclui homens novos de grande habilidade, visionando-se largo e promissor futuro para o clube.

O Estoril no lugar de lanterna-vermelha causa apreensões, último em duas categorias e penúltimo em outra. Demasiado! E, no entanto, o grupo de honra do Estoril efectuou, no decorrer da prova, várias exibições devidamente realçadas pela crítica.

Domingo próximo começará vida nova!

BELNENSES Venceu em LISBOA



A boa colaboração da defesa do Atlético revela-se neste lance, sob o perigo de um atacante de Belém. O futebol é um jogo de conjunto



O «goal» do Benfica. Marca-o o habilidoso Mário Rui. Nem Gastão conseguiu parar o golpe, nem Eduardo Santos defender



O médio Gastão trava luta, vitoriosamente, com José da Luz, do Benfica. Armindo não teve necessidade de intervir



Correia fez uma boa exibição contra o Belenenses. Ei-lo, em mergulho, numa defesa difícil. Baptista está com atenção ao lance



Cordeiro, o último reforço sportinguista num lance de cabeça



Cardoso corta a jogada a Mota, o avançado do Estoril. Canário propõe-se intervir no lance, se necessário...



Correia, do Atlético, sofre um «goal». A bola foi mais rápida, do que ele!



Toda a defesa do Atlético rodela e protege o guarda-rédes



A agilidade é indispensável num guarda-rédes. Correia como que vós...



Num salto magnífico, Correia salva as suas balizas, livrando-se do perigo de Elói



Apresentamos mais uma bela imagem de Correia, um guarda-rédes de futuro

pele JORNALISTA DESCONHECIDO

CONTA-GOTAS

Vingou no que respeita à Primeira Divisão do Campeonato Nacional o são critério. Tendo havido um aumento de dois clubes, era perfeitamente lógico que a escolha recaísse em campeões de Associações Distritais ainda não representadas.

Por que não Aveiro, um campeonato rijamente disputado, Associação que conta clubes que trabalham infatigavelmente?

Por que não Portalegre, antiquíssima Associação, que aparece representando uma larga faixa de território português?

Quando nos dizem que os novos concorrentes não sofrer pesadas derrotas, e que tal não deixará de tirar interesse ao campeonato, nós não deixamos de concordar... Pelo sim, pelo não, sempre argumentamos:

— Está bem, mas deixem passar uma ou duas épocas, e veremos em seguida...

Um árbitro afirmava outro dia, numa entrevista, que, segundo a sua opinião, esta era a época em que as arbitragens sairiam melhor.

Talvez. Sucede que já não nos recordamos das épocas anteriores. E da que passa, temos de nos lembrar. Queiramos, ou não, tão magnificas têm sido as arbitragens!

Surgiram no futebol lisboeta novos jogadores. Logo choveram os elogios. Aos poucos, porém, a verdade consegue romper as trevas!

P. 234 — Qual dos dois clubes de Coimbra é melhor: a Académica ou União? (Um adepto do União).

R. 234 — Apesar do União ter ganho o primeiro encontro do campeonato regional por um deslize acentuado de bolas, julgo que a Associação Académica é ainda o grupo de mais categoria de Coimbra.

P. 235 — Os campeonatos distritais acabam na próxima época, ou não? Não lhe parece que a organização está a ser muito confusa? (Um Benfica da Amadora).

R. 235 — Não devem terminar, apesar do que está resolvido. Confusa? O senhor queria dizer muito confusa, não era?

P. 236 — Adolfo Mourão é ou não treinador de algum clube?

P. 237 — Portugal já jogou alguma vez contra a Inglaterra?

P. 238 — Quanto tempo jogou

Da Segunda para a 1.ª Divisão

do Campeonato Nacional

ENFIM. Os dirigentes resolveram dar satisfação a aspirações que vinham a ser requeridas com veemência no futebol português. Uma delas, das mais importantes, respeitava ao acesso da Segunda à Primeira Divisão. Não se compreendia lá muito bem por que e para que se disputava a 2.ª Divisão, estando a porta da Primeira fechada a sete chaves. Por outro lado, agora a questão do título, a verdade é que tanto valia o segundo, terceiro, ou quarto posto na classificação como o último. Este não sofria qualquer desgosto, pena ou sanção. Lançava o olhar para baixo e sorria alegremente, afirmando: — Descansa, que não me spanharás aí em baixo. Nasci para outras alturas.

A incongruência acabou. Pelo que está agora determinado, o campeão da Segunda Divisão sobe, automaticamente, e o último da Primeira desce, sem apelo nem agravo. Vai-se mais longe ainda, concedendo-se ao sub-campeão da Segunda Divisão a possibilidade do grande salto. Aplaudimos tais medidas, que tornam são alguma coisa que estava pôdre. Parece-nos, no entanto, que deviam ser aplicadas prudentemente.

Há resposta para tudo...

o Pepe, de Belém? (De José Flores Gonçalves, de Sousa).

R. 236 — Não é treinador. Estamos convencidos que desempenharia excelentemente a função.

R. 237 — Portugal nunca defrontou o team de Inglaterra.

R. 238 — Julgamos que se refere a José Manuel Soares, o malogrado «Pepe», do Belenenses. Jogou oficialmente, pela primeira vez, a 26 de Outubro de 1924, alinhando na 4.ª categoria do Belenenses; e a última vez, a 18 de Outubro de 1931.

(Já respondemos mais de uma vez às outras perguntas que nos são formuladas).

P. 239 — Que se passa em Espanha com o nosso compatriota José Luís, que, ultimamente, se

CORRE QUE...

Vai realizar-se esta época, além dos desafios internacionais contra Suíça, Espanha e França, um Portugal-Irlanda.

Gomes da Costa, não tendo assinado ficha, não está disposto a jogar esta época. A Seleção Nacional talvez sinta a sua falta.

O campeonato nacional de juniores deverá ter esta temporada uma inscrição que bate todos os recordes.

O Congresso da Federação Internacional de Futebol Associação efectuar-se-á em Luxemburgo, e não em Lisboa, como tinha sido proposto pela Federação Portuguesa.

Continua suspenso das suas funções o chefe da secretaria da Federação Portuguesa, sr. Mário Madeira.

É possível que ainda se realize na época presente o projectado desafio com a R. A. F. Ao que parece, as diligências prosseguem nesse sentido.

Fala-se na apresentação do grupo nacional contra a selecção do Pôrto, no próximo mês de Dezembro.

A publicação do regulamento do Campeonato Nacional da Primeira Divisão veio pôr cobro a muitos boatos e a várias manifestações de baixa política

dedicou à luta livre, parecendo que tem triunfado. É verdade? (De Viriato, Faro).

R. 239 — Podemos garantir-lhe que José Luís é um «astron» de luta livre, tendo batido os maiores lutadores espanhóis da especialidade.

(A sua pergunta sobre o alargamento está prejudicada).

P. 240 — Onde se encontra o avançado-centro do Benfica, Julinho?

P. 241 — Ainda treina no Benfica ou já está noutra clube?

P. 242 — A idade de João da Luz, que joga a avançado-centro do Benfica? (De Um Benfiquista Riachense).

P. 240 — Está em Lisboa, segundo julgo.

R. 241 — Já não treina no Benfica, e não está em outro clube, apesar de todos os esforços.

R. 242 — João da Luz nasceu a 23 de Abril de 1920.

Dois jogadores açorianos no Pôrto

CHEGARAM há dias dos Açores. São dois rapazes fortes, atletas — de sorriso franco e atitudes calmas. Como jogadores de futebol, logo no primeiro treino confirmaram em absoluto as informações que cá haviam chegado acerca do seu valor. Agora, limitam-se à preparação cuidada e persistente sob a orientação proficiente de



Szabo. É preciso adaptarem-se ao ambiente associativo e técnico. Só assim as suas reais qualidades darão rendimento normal. Mas já não há dúvida que o F. C. do Pôrto vai enriquecer a sua «galéria» de jogadores de futebol com dois elementos de futuro!

Um chama-se João Maciel, tem 22 anos, e joga no lugar de guarda-rédes; o outro, de nome Tomás Ricardo Azevedo, tem 25 anos, e joga a defesa-esquerda. Ambos naturais de S. Miguel, e vindos igualmente do Micaelense — colectividade que defenderam com muito brilho.

Falámos-lhes. Mostraram o seu contentamento pelas atenções que lhes têm sido prestadas, e garantiram os seus firmes propósitos de bem servir o clube, que, já nos Açores, era o seu favorito...

Não tenham dúvidas; assim que Szabo o entender, veremos em jogo dois prometedores futebolistas!

PROTESTOS em tôda a parte

Tanto em Portugal como em Espanha

ATRAVESSAMOS uma semana de maré cheia de protestos. Foi o caso de Coimbra. Foi o caso de Aveiro. Em qualquer das duas hipóteses, a Federação viu-se na necessidade de intervir.

Provou-se a seguinte coisa: Que alguns dirigentes da Província não estão à altura dos cargos que desempenham.

O mais interessante é que, em Espanha, também há uma reclamação curiosa. Diz respeito ao Valência, em virtude do Madrid ter alinhado com o mexicano Borbolla. Simplemente... por lá não se passará nada. Enquanto que por cá — meu Deus!



Campeonato de França de futebol — Uma fase do encontro «Racing-Rennes», que o primeiro daqueles clubes venceu.

NOTA DA SEMANA

UMA das grandes virtudes do desporto é a sua admirável universalidade. Nem o credo religioso, os ideais políticos, ou o orgulho racial puderam elevar, até hoje, fronteiras entre desportistas de diferentes países ou da mesma nação.

Mas, como herança repelente da guerra, eis que surge agora, pela primeira vez, a bésta apocalíptica a contradizer toda essa camaradagem respeitável. Primeiro, foi o afastamento na Federação Internacional de Futebol — a FIFA — de dois nomes sobejamente ilustres: o italiano Mauro e o alemão Bauwens, a quem o futebol deve excelentes serviços e cujo ostracismo não se justifica.

Depois é a Austrália, recusando ao Japão que compareça aos jogos da Taça Davis, o troféu máximo do ténis mundial, com o pretexto da recente beligerância daquele país.

Por outro lado, observe-se o modo demasiado político como o excelente grupo soviético «Dynamo», de Moscóvia, se conduz na Inglaterra, sujeito a uma disciplina férrea, tipicamente «prussiana». Sente-se que as vitórias do notável conjunto soviético são conquistas forçadas, para prestígio do regime e dos métodos de trabalho da foice e do martelo, em vez de puros resultados, brilhantes, de um team de futebol como todos os outros que há pelo mundo.

Síntoma triste e degradante, chegando para afligir. Fazamos por conseguinte votos ardentes por que voltem os tempos áureos em que não havia nem credos, nem políticas, nem raças, nem classes sociais a dividir os desportistas, como parece que hoje se está abertamente efectuando e desenvolvendo pelo mundo.

RAFAEL BARRADAS

Stadium

A vida desportiva por êsse Mundo fora

BOXE

Garcia Alvarez conserva o título

O valenciano Garcia Alvarez, em excelente forma, derrotou Eduardo Lopez para disputa do título dos «meios-médios», na posse do primeiro nomeado. Lopez foi largamente vencido por pontos, mas o combate teve emotividade e brilhantismo.

Na mesma reunião, o nosso conhecido Llacer dominou Beltrán, homem duro e batalhador, e Ben Buker a Johnson, por abandono.

Artur Godoy continua vencendo

O campeão chileno Artur Godoy, que lutou por duas vezes com Joe Louis, continua juntando vítimas ao seu repertório. Agora coube a um negro, Johnny Haines, o papel de vencido, depois de 10 assaltos duros e bem disputados em Los Angeles.

Godoy dispõe-se a reaptar Tammy Mauriello ou Joe Baksi, ambos «tenores» com pretensões a adversários do vigoroso prêto detentor do título.

A derrota do campeão mundial dos «mínimos»

CERCA de 20.000 espectadores aplaudiram com entusiasmo febril, em Paris, a vitória do campeão francês Teodoro Medina, titular dos «mínimos» e «levísimos», sobre o campeão do mundo da primeira destas classes, Jackie Paterson.

Até ao 5.º assalto, o combate não teve fases notáveis. No sexto, Medina expediu ao solo o escocês por 2 vezes. No imediato, o domínio do pugilista cigano acentuou-se e culminou no 8.º período. Paterson caiu mais duas vezes, mas reagiu no 9.º assalto e dominou o 10.º brilhantemente.

A vitória de Medina foi inofensiva, mas o adversário é frequentemente irregular e inconsistente nas suas exhibições. Espera-se que na semana do Novo Ano joguem, ambos, a desforra em Inglaterra.

Jimmy Mac Larnin reaparece

O veterano pugilista Mac Larnin, antigo campeão mundial dos meio-médios, conquistou merecida e notável vitória batendo por pontos o mexicano Nick Moran, em dez assaltos sensacionais.

Este Moran ganhou há meses um combate a Bob Montgomery, o prêto que é tido como campeão

do mundo no Estado de Nova York. Possui um tiro estupendo em cada punho e Mac Larnin igualmente usa dinamite nas luvas.

O combate foi emotivo em extremo e o irlandês esteve próximo do Knockout quatro vezes, mas ganhou merecidamente por pontos.

Bravo, sr. Woodcock I

O campeão de Inglaterra de todas as categorias, Fred Woodcock, derrotou ao 3.º assalto, por suspensão do combate, Artur «Jock» Porter, veterano pugilista escocês, no Albert Hall, de Londres.

Porter foi completamente batido, embora corajoso. No primeiro assalto, Woodcock atingiu-o no queixo, enviando-o a terra por 8 segundos e logo a seguir por 4.

No assalto seguinte, visitou a lona 3 vezes. Durante o terceiro e último, Porter caiu 4, até que o árbitro interveio para evitar uma punição escusada.

O francês José Ricol sucumbiu por K-O, ao 2.º assalto, em face de Georges James, campeão da Gales (pesos pesados).

Omar Konidri, campeão francês dos «meios-médios», obteve a decisão pontual à custa de Artur Danahar, em 8 assaltos. O pugilista argelino impôs a batalha desde início e o adversário aceitou-a. Foi um erro de tática que lhe custou a vitória.

Ao espectáculo assistiram milhares de pessoas.

TÉNIS

A Austrália descobre outro campeão

O país dos cangurus, a Austrália, tem sido berço de notáveis tenistas. Antes da guerra de 1914 foram famosos: Wilding, que morreu nas trincheiras; Norman Brooks, hoje dirigente do ténis, e, mais tarde, Jack Crawford, Mac Grath e Quist.

Agora surgiu nova estrêla na pessoa de Denis Pails, um robusto rapaz de 24 anos, recente vencedor de Crawford, em Sidnei. Possui um «serviço» canhão e executa todos os golpes de raquete com estilo e grande poder.

Parece certo que a equipa representativa da Austrália seja composta de J. H. Bromwich, Adriano Quist e Denis Pails.

Otras figuras prometedoras são Leonel Brodie e Jack Barnes, cuja inclusão se prevê também.

FUTEBOL

As «Ligas» em Espanha Oviedo em 1.º lugar

PROSSEGUE com muito interesse a competição espanhola conhecida sob a designação de «Campeonato das Ligas». Resultados apurados na Primeira:

Alcayano 1-Madrid 3; Aviação 7-Espanhol 3; Bilbao 2-Gijón 3; Valência 1-Sevilha 0; Múrcia 2-Castellón 3; Oviedo 1-Celta 0; Barcelona 5-Hércules 3.

Segunda Liga: Saragoça 1-Corunha 2; Ferrol 6-Córdova 0; Santander 4-S. Sebastian 0; Tarragona 1-Xerez 1; Betis 0-Sabadel 1; Ceuta 1-Salamanca 0; Granada 1-Maiorca 2.

O Oviedo, devido à derrota do Sevilha, passou para o primeiro lugar. Tem, de resto, um ponto de vantagem, relativamente ao Madrid e ao Sevilha. Na Segunda Divisão, seguem à cabeça Ferral e Sabadel.

O último jogo do famoso «Dynamo»

O já célebre grupo de futebol «Dynamo», de Moscóvia, terminou a sua brilhante campanha em Inglaterra, invencível e rodeado de grande prestígio.

Coube ao «Rangers», de Glasgow, a honrosa tarefa de lhe dar réplica. O desafio efectuou-se na presença de 90 mil espectadores e decorreu animadíssimo.

Logo de começo, havia uns escassos dois minutos de jogo, marcou-se um pontapé livre contra o grupo escocês e a bola, atirada de 20 metros, entrou nas balizas, fazendo o primeiro ponto.

Pouco mais tarde, o guarda-rédes soviético, o «tigre», defendeu maravilhosamente um «livre» marcado por Waddell. Aos 24 minutos, um ataque em massa dos médios e avançados russos fazia o 2.º ponto por intermédio de Kartseff. Com o intervalo à vista, Smith fez o primeiro tento do Rangers num pontapé de colocação.

Na segunda parte, o team escocês exerceu forte domínio e atacou as balizas de Khomich com denodo. A dez minutos do fim, uma grande penalidade deu o empate ao grupo escocês, que mereceu bem o resultado.

O total das receitas apuradas é de 10.000 libras, que se destinam aos órfãos de Estalinegrado.

O campeonato argentino

O clube River Plate segue à frente da classificação, seguido de perto pelo Boca Juniors, seu recente vencedor, por 4 a 1, na 28.ª jornada. Atrás vêm o Independiente, o San Lorenzo, Almagro e Huracán. Os demais clubes seguem distanciados.

Stadium na PROVINCIA



1 — A equipa dos adeptos do Sporting, que em Matosinhos, no campo do Leixões, perdeu com o grupo dos adeptos do Belenenses, por 1-0 depois de outro desafio em que empataram por 1-1. No grupo: Lopes, Mota, Belo, Mário, Adão e Alexandre, — de pé; sentados: Domingos, Pedro, Barros, Henrique e Delfim; 2 — O avançado-centro «belenense», procura estorvar o guarda-réde «sportinguista» numa bola alta; 3 — Os dois grupos, reuniram-se antes de começar o jogo, com o árbitro, maçagista, juizes de linha e o organizador do jogo — Tomaz Graça Ramos; 4 — Grupo Desportivo de Runa, que no concelho de Tórres Vedras tem obtido muitas vitórias. No conjunto: Arnaldo, Alberto, Antão, Rodrigo, Agostinho e Baptista, no 1.º plano e da esquerda para a direita; no 2.º plano: — Sousa, Valente, Rui, Jesus, Roque, Cardoso e Faria; 5 — Alberto Rosa Camilo; 6 — Francisco Pereira Borrego, do G. D. da Comenda; 7 — Manuel Guimarães, idem; — Aurélio Moreira, do F. C. de Santo Tirso; 8 — Joaquim Cardoso, do F. C. de Viatodos; 9 — Manuel Beleza, do F. C. de Malta; 10 — Alvarim Castro, idem; 11 — Alvarim Castro, idem; 12 — Grupo Desportivo Castrense.



do, Alberto, Antão, Rodrigo, Agostinho e Baptista, no 1.º plano e da esquerda para a direita; no 2.º plano: — Sousa, Valente, Rui, Jesus, Roque, Cardoso e Faria; 5 — Alberto Rosa Camilo; 6 — Francisco Pereira Borrego, do G. D. da Comenda; 7 — Manuel Guimarães, idem; — Aurélio Moreira, do F. C. de Santo Tirso; 8 — Joaquim Cardoso, do F. C. de Viatodos; 9 — Manuel Beleza, do F. C. de Malta; 10 — Alvarim Castro, idem; 11 — Alvarim Castro, idem; 12 — Grupo Desportivo Castrense.

F. C. DO PÔRTO e BOAVISTA

representativos do futebol portuense
no Campeonato da Primeira Divisão

ESTÁ terminado mais um campeonato regional do futebol portuense, e volta a figurar como detentor do título o F. C. do Pôrto.

Realmente, ao fazer-se agora o balanço final das dez jornadas que preencheram a prova, não é possível encontrar-se qualquer acontecimento involuntário que permita a «alegria da crítica». Basta reproduzir — à maneira de fotografia — o que se tem dito em épocas anteriores... Que o F. C. do Pôrto continua a ser o único capaz de defender com brilho a região a que pertence; que o equilíbrio de certas jornadas se ficou a dever mais às «irregularidades» (consequência de estudos para a formação definitiva do *team*) do grupo campeão do que ao progresso dos seus adversários; que o «grosso do interesse» continua a residir na conquista do 2.º lugar; que o público portuense, apesar de tudo, se mantém fiel ao futebol, etc., etc. Nada de novo!

Já o ano passado, nestas mesmas colunas, abordámos o assunto em relação às responsabilidades que os clubes portuenses têm a defender. Uma região com o prestígio da nossa não pode nem deve contar apenas com a classe de um único *team*. Não pode, nem deve, estar à mercê dela!

O F. C. do Pôrto venceu bem o campeonato regional. Olha a novidade!... O *team* nem sempre se creditou com exhibições à altura da sua «classe», mas deixou-nos a impressão que vai marcar posições de relêvo na competição nacional. É claro que ainda não tem o conjunto «afinado», mas é inegável que possui valores individuais. O tempo e os próximos jogos darão o que falta... Na defesa, Guilhar mantém a sua conhecida «forma» — que, acreditamos, esta época vai dar que falar. Melhor conhecimento do pósto, melhor rendimento, inegáveis qualidades. A seu lado, tanto Alfredo como Camilo se mostraram capazes. Nas rédes, Barrigana e Szabo inspiraram e inspiram confiança.

O reduto defensivo não está mal...

A linha média, por sua vez — sector que a temporada passada tão áspersas censuras mereceu — fez progressos, embora não cheguem para as necessidades do *team*. Mas fez progressos, e mostrou condições para continuar a fazê-los — isto é o que interessa. Devem-se êles em especial — diga-se — a Romão. Este jogador, alvo de uma crítica mordaz, insistente e destrutiva, deu mostras de espírito elevado e resistente — bem resistente! Estudou e procurou aperfeiçoar-se; «tapou os ouvidos» quando os *caledráticos* falavam; — agora, já com segue, por vezes, ser o elemento mais destacado num «onze» da categoria do F. C. do Pôrto...

Na frente, as boas «pedras» lá estiveram: Araújo, Correia Dias e Catalin. Mas longe do seu melhor; pelo menos quanto a remate. Isto individualmente. No conjunto, notou-se sempre a falta de um «maestro».

Em síntese: o *team* do F. C. do Pôrto, se não melhorou, manteve a bitola habitual e inspirou confiança para as competições mais sérias!

♦ Dos restantes clubes, o Boavista foi o mais feliz. E feliz, por que encontrou sempre um F. C. do Pôrto abaixo do seu normal. Diga-se, porém, que essa felicidade premiou a equipa que melhor apetrechada se encontra para ocupar condignamente o 2.º lugar. Certo é que a felicidade nem sempre está da banda dos que jogam mais. Mas, desta vez, esteve...

Ao Leixões, e sobretudo ao Salgueiros, raras vezes lhes foi possível alinhar completos. Baixas houve de capital importância. Por isto e por outras coisas, ficaram com legítimas aspirações em terra...

O Leça «safou-se» bem do último lugar; o Ramaldense acusou a estreia e teve tudo contra êle... As desgraças só aparecem aos pobres...

Eduardo Soares

O Estádio do F. C. do Pôrto será nas Antas

MANTÉM-SE firmemente o que a nossa revista disse em primeiro lugar, quanto à localização do futuro Estádio do F. C. do Pôrto.

A compra dos terrenos das Antas está devidamente assegurada, os preparativos para o início das obras estão feitos — e falta só resolver certas formalidades oficiais, que, embora levem tempo, não são de molde a fazer gorar o que está projectado.

O principal conseguiu-se em absoluto: acôrdo perfeito entre o F. C. do Pôrto e os proprietários dos terrenos. Mais ans dias, e terá corrido o pano sobre o 1.º acto...

Resumindo: há a certeza — e nunca, como hoje! — que o Estádio do F. C. do Pôrto será nas Antas, e que portanto tudo quanto se disse na «Stadium» se mantém dentro da verdade.



O cartão-de-visita do BOAVISTA

Um «trio» que ficará na história como tantos outros. Este simboliza bem o esforço grandioso do clube do Bessa para a criação de novos valores.

Sarafim, Armando e Ceiado — três jovens que o Boavista fez jogadores, e que representam bem a «sua» excelente «escola» de futebolistas.

Hoje, a popular agremiação apresenta-os como o seu «cartão-de-visita» — e o jornalista concorda em absoluto com a feliz denominação.

Êstes três jovens elementos são na realidade três valores que qualquer «team» gostaria de ostentar nas suas fileiras!

Um «trio» que é um símbolo

Um árbitro de Hoquei Porque não joga o Rebêlo?

alvitra a criação da Federação
com sede no Pôrto

ESTA semana conseguimos ouvir apenas um conhecido dirigente portuense, que amavelmente se prestou a colaborar neste nosso inquérito: — «O que há de novo?»

Aquilino Monteiro

da Comissão Distrital dos Árbitros de Hoquei em Campo — desportista dinâmico que ao referido organismo tem prestado colaboração valiosa — começa logo, sem quaisquer rodeios, por nos dar uma novidade: — «Vai officiar-se à Direcção Geral propondo-lhe uma ideia nossa — a criação da Federação Portuguesa de «Hoquei em Campo». É propomos ainda que a sua sede seja fixada, provisoriamente, na cidade do Pôrto. Bem vê: — aqui a modalidade está muito mais progressiva do que na capital; temos mais de duas centenas de jogadores inscritos, uma dúzia de clubes em actividade, e um campeonato bem disputado por duas categorias. Todo êsse movimento — parece-me — justifica plenamente o nosso pedido.

— E quanto à Comissão Distrital de Árbitros?»

— Muito se tem feito; arquivos novos, documentação devidamente organizada, arbitragens modelares, ambiente calmo e disciplinado. Sintetizando: — em todos os pormenores da nossa missão o êxito agrada-nos e inspira-nos confiança!

— Quere isto dizer que está satisfeito no seu novo cargo?»

A resposta veio precisa e rápida: — Absolutamente. Dá gosto trabalhar assim! Os desportistas do hoquei são excelentes camaradas!



«O ano passado alinhou pelo Salgueiros, vindo do Benfica. Esta época, está na inactividade. E nós preguntámos: — Por que não joga o Rebêlo?»

Êle próprio não nos soube responder concretamente.

O Benfica pretende utilizá-lo de novo; êle quer continuar no Salgueiros. Mas afinal o jogador não é um homem livre? Seja como for, o que é certo é a sua inactividade... Até quando?»

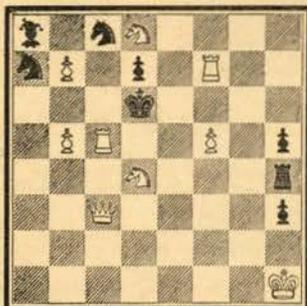
Impõe-se, por todos os aspectos, a resolução dêste problema. Aguardemos...

PORTUENSES:
assinem a STADIUM

Stadium

Concurso Internacional de composição

PROBLEMA VIII «Trovador»



O êxito da nossa iniciativa

DEVIDO à grande afluência de originais recebidos para o nosso Concurso Internacional de composição, decidimos passar a publicar, sempre que nos seja possível, dois problemas em cada número.

O prazo geral para o envio das soluções é de 30 dias, a contar da data da publicação.

Foi elevado o número de prémios nos dois concursos: A «Secção» de Xadrez do jornal «O Barreiro», dirigida pelo grande animador do intercâmbio xadrezístico luso-espanhol, sr. Mário Pinto Gomes, felicitando-nos pelo êxito da nossa iniciativa, oferece duas inscrições para os seus Torneios Internacionais por correspondência, e que serão atribuídas aos 5.º e 6.º classificados do Concurso de Solução. A todos os concorrentes do Concurso de Composição e aos melhores «comentaristas» serão oferecidos exemplares da colecção dos Problemas propostos naquele certame.

VASCO SANTOS

Concurso de soluções

Omitiram-se no último número as seguintes classificações:

Com 7 pontos: Eng. E. Rodrigues da Silva e A. Pereira da Costa, do G. X. do Clube dos Caçadores Portugueses; com 5 pontos: Dra. Maria Luísa de Herédia, Lisboa, e Jorge Brea, de Barcelona.

Rectificações: António Alberto Loaro Cortez, Lisboa, 5 pontos, Carlos Soares Ribeiro, Lisboa, 2 pontos.

Concurso de Problemas anunciados

Retribuindo a gentileza, damos a informação dos seguintes Concursos anunciados:

Sociedade Espanhola de Problemistas de Ajedrez

Concurso Internacional de Composição para 1946. Tema livre, duas secções: problemas em dois lances (juz: Arnoldo Ellerman) e três lances (juz: Allan White). Envios em diagramas com



ARISTIDES MARTINS, terceiro classificado no conjunto das provas corridas em 1945

A nota predominante da época de 1945, no que se refere ao comportamento dos estradistas, foi, sem dúvida, ter a maioria principiado a correr já no melhor da sua «forma». Por isso, muitos deles conseguiram, nas

solução e nome do autor, até 1 de Novembro de 1946, para D. João Pérís, San Vicente, n.º 51-3.º Valência, Espanha. Prémios de 50, 30 e 20 pesetas, e menções honrosas e recomendações em cada secção.

Os interessados na filiação neste centro problemístico da Península podem dirigir-se-nos nesse sentido.

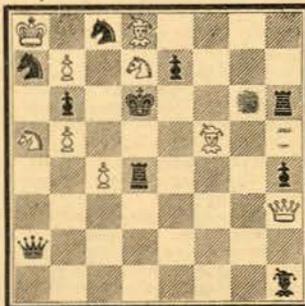
Jornal «O Barreiro»—Concurso Internacional de Composição e Solução, tema livre, em dois lances. Remessas em diagrama duplicado, com solução completa e lema, até 31 de Março de 1946, dirigidas a Mário Pinto Gomes, Rua Antónia Andrade, 5 r/chão Esq.º, Lisboa.

Prémios em dinheiro e bibliografia a indicar posteriormente, bem como os juizes.

A falta de espaço impede-nos mais uma vez de publicarmos a continuação do artigo «Exercícios de Reconstrução de Problemas». Para satisfação dos interessados desta nova modalidade, propomos o seguinte exercício:

Chave: 1. Da3, bloqueio. Se 1... C joga; 2. Da7. Se 1... Ce6; 2. Pxc8=C; 1... c6; 2. e8=B ou D. se 1... e5 ou D joga; 2. Dxa5. se 1... BxP; 2. CxB. 1... C joga; 2. Ce5.

PROBLEMA IX «Amador»



2 X

A época de 1945 Corredores e Provas

primeiras provas, tirar o máximo rendimento das suas faculdades físicas, embora, pela época adiante, se ressentissem do esforço despendido com uma preparação que, dada a longa duração do período de corridas, logo considerámos como tendo surgido prematuramente.

Se não fôra semelhante antecipação—forçada pelo desejo, aliás desnecessário, de justificar a candidatura á selecção dos representantes portugueses na «Volta à Espanha»—antecipação que obrigou afinal alguns dos melhores estradistas a «pararem» no meio da época ou a lagirem de participar em certas provas; se não fôra esse trabalho intenso de treinos a que se submeteram a maioria dos corredores nos meses de Janeiro, Fevereiro e Março, trabalho que lhes amoleceu a vontade e lhes lartou apreciáveis reservas de energia, sem isso muitos resultados de valor haveria a acrescentar á sem dúvida interessante série de provas de vulto cometidas em 1945.

São de facto dignos de assinalar os resultados obtidos por João Lourenço, nos 100 quilómetros «contra-relógio», no Circuito de Oeste, no Lisboa-Santarém-Lisboa e nos 176 quilómetros, os quais atestam a sua regular e uniforme mecânica de pedalar e a sua perseverança. Merecem igualmente referência especial as médias atingidas por Eduardo Lopes, no «Circuito da Malveira» e no do «Liramento», e as «marcas» dos 500 metros com partida lançada, que nos levam a concluir que o representante da «Iluminante» lêz, desta vez, a sua melhor época. E têm igual direito a serem assinaladas as excelentes corridas feitas por João Rebelo, em Espanha e no Campeonato de Portugal—prova que concluiu em menos 20m. do que o recorde anterior, de Jorge Pereira na Galiza, em Alenquer e no Sobral e ainda os comportamentos de Mourão, Aristides, Aniceto Bruno, Fernando Moreira e Império dos Santos, no decorrer da temporada. Mas não devemos esquecer,—para que no futuro se não repitam os erros deste ano—que Lourenço e Lopes, a meio do período de provas, tiveram de deixar os treinos, para depois disputarem algumas provas em «cadência de forçado»; que Mourão teve necessidade de estar inactivo mais de um mês e que até mesmo os portueses, no conjunto do ano, tiveram «altos e baixos».

Técnicamente, dado que a maioria dos corredores consagrados já havia atingido um grau de elevada perfeição, na maneira de montar, de se conduzir nas provas e na arte de pedalar—perfeição de que Eduardo Lopes, João Lourenço, Aristides Martins, Aniceto Bruno e mesmo João Rebelo são os mais conclui-

centes exemplos—não houve em 1945 acentuada melhoria neste capítulo.

Há até elementos que necessitam rectificar posições e modificar a sua forma de pedalar, para poderem progredir. Deve-se fixar que se Lourenço pôde fazer 13s. nos últimos 200 metros de algumas embalagens; se Lopes conseguia cobrir 500 metros em 36s.; se Aristides mais uma vez voltou a ser um dos primeiros corredores da temporada e se Fernando Moreira se sóia alorosamente da luta travada com Lourenço—a quem arrebatou o título de campeão de velocidade—isso tudo, se é consequência dessa classe que de facto existe, é também reflexo de um nível de perfeição técnica que pode e deve ser copiada.

Apareceram no decorrer da temporada novos elementos na categoria de «independentes», como Aristides Paulo, Tavares da Silva, Ernâni Ribeiro, Onofre Tavares, Joaquim Mendes e os «alenquerenses» Gaspar Paulo e Manuel Jorge, que montam correctamente e pedalam com certa perfeição, conquanto, sobretudo os dois últimos, necessitem ainda de rectificar alguns pormenores.

Mas também notámos que Carlos Quadros—muito falho de iniciativa e sem a vivacidade própria da gente nova—se mantém «marreco» sobre a bicicleta; que Jorge Pereira continua á procura da «sua posição»; que Guilherme Jacinto perdeá muito da ligeireza de movimentos que lhe era peculiar e que Manuel Rocha, apesar-de possuir bicicleta adequada á sua estatura, ainda «rola» com um dos calcanhares em estilo defeituoso.

Hoave em 1945 uma boa série de provas que podem considerar-se perfeitãs no capítulo organizativo. Mas também se disputaram algumas em que tudo, ou quasi tudo, da sua orgânica, foi deixado ao acaso.

O ciclismo é hoje uma modalidade de acentuado relevo no âmbito dos desportos praticados em Portugal. Os seus regulamentos, sem serem perfeitos ou completos, quasi chegariam para as necessidades da velocidade, isto se estivessem mais divulgados e fossem interpretados por todos—corredores e dirigentes segundo o espirito que ditou a sua legislação. Mas como nada disso sucede, as deficiências, os protestos e as atitudes de inconformismo verificam-se com uma frequência pouco de loavar.

É um mal que talvez possamos atenuar em parte, divulgando, tal como fizemos com outros aspectos da velocidade, no «Curso de Ciclistas», as principais normas por que deve reger-se o ciclismo de competição.

Vamos a ver se o tempo nos chega para semelhante trabalho...

GIL MOREIRA

A 1.ª categoria do Belenenses ao findar o Campeonato de Lisboa de 1945-46. E' o momento de apoteose!

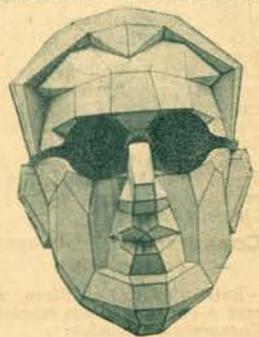


Belenenses, o campeão das «Reservas» de Lisboa



CAMPEÕES de Futebol

— Boavista, sub-campeão do Pôrto, apurado para o Campeonato Nacional da Primeira Divisão. 2— Araújo, o magnífico avançado portuense, remata de longe. 3— Futebol Clube do Pôrto, o campeão que representa a Cidade invicta no Campeonato Nacional

GIL OCULISTA
 FUNDADA EM 1865
 Depositária das lentes "ZEISS"
 Binóculos, Termómetros
 Bússolas de marcha, etc.
 Aparelhos de Precisão
 138, RUA DA PRATA, 140
 Telefone 22829 LISBOA